

ADOLESCÊNCIA E PROJETO DE SER: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL A PARTIR DE SARTRE

ADOLESCENCE AND THE PROJECT OF BEING: A PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL PERSPECTIVE FROM SARTRE

ADOLESCENCIA Y PROYECTO DE SER: UNA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL A PARTIR DE SARTRE

Camila Fernanda Dalle Laste¹

Fabiana Dutra Lira²

Raquel Costa Paulino Santos³

Juliana Albertina Klein⁴

RESUMO: Este estudo analisa a adolescência sob a perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, utilizando o conceito de projeto de ser como eixo central. Diferentemente das visões tradicionais que reduzem esse período a transformações biológicas ou a fases lineares de desenvolvimento, a pesquisa compreende o adolescer como uma experiência existencial singular. Por meio de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, são explorados conceitos fundamentais, como liberdade, angústia, má-fé, facticidade e transcendência. As reflexões desenvolvidas ao longo do estudo possibilitaram olhar para a adolescência como um momento marcado pelo confronto com a liberdade e com a responsabilidade inerente à construção de si. Nessa perspectiva, o adolescente é compreendido como um ser para-si, em constante devir, que se projeta para o futuro por meio de suas escolhas. Conclui-se que a atuação do psicólogo deve afastar-se de enquadres normativos e reducionistas, sustentando uma prática comprometida com a singularidade da experiência humana e com o desvelamento da liberdade. Assim, o adolescente é reconhecido como protagonista de sua própria história, capaz de atribuir sentidos à sua existência e de construir seus próprios caminhos.

Palavras-chave: Adolescência. Jean-Paul Sartre. Projeto de ser.

ABSTRACT: This study analyzes adolescence from the phenomenological-existential perspective of Jean-Paul Sartre, using the concept of the *project of being* as its central axis. Unlike traditional views that reduce this period to biological transformations or linear stages of development, this research understands adolescence as a singular existential experience. Through a qualitative bibliographic study, fundamental concepts such as freedom, anguish, bad faith, facticity, and transcendence are explored. The reflections developed throughout the study made it possible to look at adolescence as a period marked by the confrontation with

¹ Discente do curso de Psicologia na Universidade Paranaense - UNIPAR. camila.d.laste@edu.unipar.br

² Discente do curso de Psicologia na Universidade Paranaense - UNIPAR. fabiana.lira.02@edu.unipar.br

³ Discente do curso de Psicologia na Universidade Paranaense - UNIPAR. raquel.paulino@edu.unipar.br

⁴ Docente do curso de Psicologia na Universidade Paranaense - UNIPAR. julianaklein@prof.unipar.br

freedom and the responsibility inherent in self-construction. From this perspective, the young person is understood as a *for-itself* being, in constant becoming, projecting themselves toward the future through their choices. It is concluded that psychological practice should move away from normative and reductionist frameworks, sustaining an approach committed to the singularity of human experience and to the unveiling of freedom. Thus, the adolescent is recognized as the protagonist of their own history, capable of attributing meaning to their existence and of constructing their own paths.

Keywords: Adolescence. Jean-Paul Sartre. Project of being.

Resumen: Este estudio analiza la adolescencia desde la perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, utilizando el concepto de *proyecto de ser* como eje central. A diferencia de las visiones tradicionales que reducen este período a transformaciones biológicas o a etapas lineales del desarrollo, la investigación comprende el proceso de adolecer como una experiencia existencial singular. Mediante una investigación cualitativa de carácter bibliográfico, se exploran conceptos fundamentales como libertad, angustia, mala fe, facticidad y trascendencia. Las reflexiones desarrolladas a lo largo del estudio permitieron mirar la adolescencia como un momento marcado por el enfrentamiento con la libertad y con la responsabilidad inherente a la construcción de sí mismo. Desde esta perspectiva, el adolescente es comprendido como un sujeto *para-sí*, en constante devenir, que se proyecta hacia el futuro a través de sus elecciones. Se concluye que la actuación del psicólogo debe alejarse de enfoques normativos y reduccionistas, sosteniendo una práctica comprometida con la singularidad de la experiencia humana y con el desvelamiento de la libertad. Así, el adolescente es reconocido como protagonista de su propia historia, capaz de atribuir sentidos a su existencia y de construir sus propios caminos.

Palabras clave: Adolescencia. Jean-Paul Sartre. Proyecto de ser.

INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser pensada como um momento da vida em que o adolescente se confronta de maneira mais explícita com diferentes caminhos, sendo convocado a escolher, posicionar-se e construir sentidos para a própria existência. Nesse sentido, não se trata apenas de um período marcado por mudanças biológicas e sociais, mas de uma vivência na qual o indivíduo participa ativamente da constituição de si, revelando-se como um ser em constante devir (SARTRE JP, 2015).

Ao longo da história, esse período tem sido analisado a partir de diferentes perspectivas, muitas vezes orientadas por explicações voltadas ao desenvolvimento humano e às condições concretas nas quais a pessoa está inserida (ERIKSON EH, 1976). Tais formulações contribuem para evidenciar aspectos importantes, no que se refere às transformações que a atravessam, ainda que não sejam capazes de abarcar toda a sua complexidade. Assim, torna-se possível também pensá-la a partir da forma

como cada adolescente se percebe, se posiciona e produz sentidos ao longo de sua trajetória.

Nesse horizonte, a filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre oferece um caminho possível para ampliar essa discussão, ao considerar o ser humano como alguém que se constitui ao longo da existência, sem possuir uma essência prévia que o determine (SARTRE JP, 2014). Ainda que Sartre não tenha se dedicado diretamente ao estudo da adolescência, sua filosofia apresenta fundamentos que possibilitam aproximar o conceito de projeto de ser da experiência adolescente. Essa noção permite reconhecer que o indivíduo está em permanente processo de construção, lançando-se em direção ao que ainda pode vir a ser e constituindo-se na relação com o mundo (SARTRE JP, 2015). Pensar essa etapa sob tal enfoque implica reconhecê-la como um momento em que esse movimento se torna mais evidente, à medida que passa a se implicar mais diretamente na condução da própria vida.

Considerando essas reflexões, torna-se relevante explorar de que maneira a adolescência pode ser pensada à luz da filosofia existencialista de Sartre, especialmente a partir do conceito de projeto de ser. Sob essa ótica, o presente estudo busca analisar essa vivência tomando tal conceito como eixo central, com o intuito de refletir sobre os modos pelos quais o adolescente se constitui, atribui sentidos à própria história e se projeta em direção ao futuro.

Além dos aspectos teóricos e acadêmicos que fundamentam esta pesquisa, a escolha do tema também se relaciona a um interesse construído a partir do contato com a prática e com o campo da Psicologia. Por envolver transformações, escolhas e questionamentos, esse período suscita reflexões acerca do tornar-se pessoa e dos caminhos que se apresentam ao adolescente. Dessa forma, a presente investigação também se articula a uma inquietação voltada ao aprofundamento sobre como os adolescentes compreendem a si mesmos, posicionam-se diante do mundo e significam suas vivências, reconhecendo a singularidade de cada existir.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza teórica e bibliográfica, orientada pela perspectiva fenomenológico-existencial. A pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos humanos a partir dos significados e sentidos atribuídos às

experiências vividas pelos sujeitos. Quanto à sua natureza, caracteriza-se como teórica, por fundamentar-se na análise e articulação de conceitos filosóficos e psicológicos. Já a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir da apreciação de obras clássicas e produções científicas relacionadas à filosofia de Jean-Paul Sartre, com ênfase no conceito de projeto de ser, bem como de autores que dialogam com essa abordagem no campo da Psicologia.

A análise do material foi realizada de forma compreensiva e reflexiva, buscando aprofundar e articular os conceitos teóricos com a temática da adolescência, considerando-a como uma experiência existencial. O percurso metodológico fundamentou-se na leitura, seleção e discussão de referenciais teóricos relevantes, com o objetivo de construir uma compreensão ampliada do fenômeno investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Adolescência em perspectiva

Conhecemos a adolescência como um processo que permeia o desenvolvimento humano e que, geralmente, é caracterizada de forma linear, fixa e universalizante. Todavia, compreendemos que a adolescência faz parte da condição humana e, por isso, não pode ser definida ou fechada em um único conceito, ou, pior ainda, ser compreendida como adoecimento, fase conturbada ou descrita de forma pejorativa.

Não nos referimos, portanto, a uma adolescência universal, que se mantém a mesma, independentemente das peculiaridades de cada tempo e lugar, mas, sim, às adolescências: as várias adolescências que vão sendo construídas por determinadas culturas. (MORAES BR e WEINMANN AO, 2020, p. 281)

A compreensão da adolescência foi sendo construída ao longo da história e reflete as transformações sociais, culturais e científicas de cada época. Nem sempre a adolescência foi reconhecida como um momento próprio do desenvolvimento humano; Na Antiguidade e na Idade Média, por exemplo, não havia uma distinção clara entre infância e vida adulta: a criança era vista como um “adulto em miniatura”, participando precocemente do trabalho e das responsabilidades familiares; ou seja,

não havia um lugar específico para a infância nesse período, aspecto que pode ser observado, por exemplo, nas análises de pinturas da época (ARIÉS P, 1986).

Foi apenas com a modernidade, sobretudo entre o final do século XV e o decorrer do século XVII, que o olhar sobre a infância e a adolescência começou a se modificar. A partir desse movimento, retratos de crianças sozinhas tornaram-se mais comuns, e a criança passou a ocupar um papel central na composição familiar (ARIÉS P, 1986).

Segundo Guedes GL e Reis TL (2021), na modernidade, a adolescência passou a ser compreendida como uma fase de transição, marcada pela dependência e pela necessidade de adaptação à vida adulta. Essa visão era fortemente influenciada pelas ideias da Psicologia do Desenvolvimento e pela lógica moderna do progresso, que entendia o crescimento humano como uma sequência de etapas lineares.

Castro LR (1998) afirma que o desenvolvimento foi reduzido a uma sucessão de fases orientadas para um objetivo final, no qual esse resultado corresponderia a um adulto idealizado, restringindo a diversidade dos modos de ser adolescente. Essa concepção evolutiva e normativa, baseada na noção de maturação, manteve-se presente por muito tempo nas práticas escolares, médicas e sociais.

No campo biológico, a adolescência foi tradicionalmente associada à puberdade, momento em que o corpo passa por mudanças hormonais e anatômicas que marcam o início da maturidade sexual. Essa leitura, embora relevante, mostrou-se insuficiente para compreender a complexidade do adolecer, pois reduz o sujeito a um processo natural e universal, desconsiderando o contexto cultural em que está inserido. A biologia explica o corpo, mas não abarca os significados que o adolescente atribui a essas mudanças, nem dos conflitos subjetivos que surgem nesse processo.

Sob a perspectiva social, a adolescência é também um fenômeno historicamente situado. Como aponta Castro LR (1998), o modo como uma sociedade compreende essa fase depende de seus valores e expectativas. Em muitas culturas, a adolescência está associada à preparação para o trabalho e para a vida adulta; em outras, é um período de experimentação, de liberdade e de busca de identidade e em ambas deixa-se a capacidade de conduzir a própria vida somente para a fase adulta, e isso é um problema na construção coletiva da sociedade, pois acaba excluindo a criança e o adolescente desse processo. Assim, o que chamamos de “adolescência”

é, em grande medida, uma construção social, moldada pelas instituições, pelos discursos e pelas práticas que definem como o adolescente deve se comportar, sentir e se desenvolver.

Na contemporaneidade, o adolescente vive entre a ampliação das possibilidades e o aumento das exigências. A globalização, as redes sociais e as rápidas mudanças tecnológicas criaram novas formas de interação, expressão e pertencimento, mas também trouxeram novas pressões. “Assistimos, ainda, à proliferação de ideais de controle, produtividade, saúde, sucesso [...] que requerem do homem contemporâneo novos modos de ser e estar no mundo” (GOULART SMS e FEIJOO AMLC, 2021, p. 402).

Do ponto de vista legal e institucional, ainda há tentativas de enquadrar essa fase dentro de limites etários e normativos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente aquele que tem entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990), enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) amplia esse intervalo para 10 a 19 anos. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2011) destaca a importância de reconhecer o adolescente como sujeito de direitos e de participação social, e não apenas como alguém em transição.

Portanto, compreender a adolescência exige um olhar que ultrapasse explicações meramente biológicas ou sociais. Ela é também uma experiência existencial, marcada pela ampliação das possibilidades de escolha e pela necessidade de assumir responsabilidades atuais, mas que terão resultados em um futuro ainda incerto. É nessa fase que o sujeito começa a se perceber como agente de suas próprias decisões e a construir o sentido de quem é e de quem deseja se tornar.

Dessa forma, propomos, a seguir, uma reflexão a partir da visão de sujeito em Sartre, para contemplar essa fase da vida de forma mais abrangente, esclarecendo que ela envolve muito mais do que apenas mudanças físicas ou decisões conturbadas, buscaremos demonstrar o quão amplo é o leque de possibilidades do adolescente enquanto sujeito livre, responsável e em constante processo de constituição.

Um olhar sobre o ser adolescente à luz do projeto sartriano

A adolescência pode ser compreendida como um momento da existência em que o indivíduo se confronta de maneira mais intensa com suas possibilidades, escolhas e formas de construir sentidos para si. Mais do que uma etapa marcada apenas por transformações biológicas ou sociais, trata-se de uma experiência singular, atravessada por conflitos, relações, expectativas e modos de posicionamento diante do mundo.

Sob a perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, essa experiência pode ser pensada a partir do conceito de projeto de ser, concebido como o movimento pelo qual o sujeito se projeta permanentemente diante das alternativas que reconhece para si (SARTRE JP, 2015).

Ao afirmar que “a existência precede a essência”, Sartre JP (2014, p. 18) rompe com a ideia de uma natureza humana previamente determinada, vislumbrando o sujeito como alguém que se edifica ao longo da existência. Não se nasce com um destino pronto e definido, mas constitui-se continuamente na relação dialética com o mundo, com os outros e consigo mesmo (PERDIGÃO P, 1995). A adolescência evidencia essa condição de forma radical. É o momento em que o adolescente se confronta diretamente com o imperativo de construir uma identidade e um senso de pertencimento, buscando conferir sentidos próprios à sua trajetória.

A partir dessa compreensão, o indivíduo não pode ser entendido como algo acabado, mas como um ser em constante elaboração. Conforme Sartre JP (2015), o ser humano encontra-se inevitavelmente implicado em suas escolhas, não podendo escapar da responsabilidade diante delas. Mesmo a omissão constitui uma forma de posicionamento. Schneider DR (2013) destaca que a liberdade não corresponde a uma escolha facultativa, mas à própria condição ontológica do existir. O sujeito se faz a partir das decisões que realiza diante das situações vividas. Na adolescência, essa experiência manifesta-se de forma aguda perante as exigências de definição do futuro, como decisões profissionais, e a consolidação de vínculos afetivos. O adolescente se depara com a responsabilidade de ser o autor de sua própria história, lidando com a insegurança inerente ao ato de decidir.

Em *O Ser e o Nada*, Sartre JP (2015) esclarece que a responsabilidade humana dá origem à experiência da angústia existencial. Longe de ser um estado puramente patológico, a angústia é a consciência da liberdade em si mesma, é a percepção da ausência de garantias ou fundamentos prévios que determinem os caminhos. Segundo Perdigão P (1995), ela evidencia o confronto com o "vazio" de referenciais. No adollescere, essa angústia emerge nas incertezas sobre a identidade e no receio de não corresponder às expectativas externas. O medo de "errar" na escolha do que se deseja tornar fomenta os conflitos, revelando que a construção da singularidade é um processo que não oferece certezas antecipadas.

Diante da liberdade e da responsabilidade implicadas, o mesmo pode buscar formas de esquivar-se do peso de suas escolhas. Em Sartre JP (2015), esse movimento é compreendido como má-fé, caracterizando a tentativa de negar a própria condição do sujeito ao atribuir a fatores externos a autoria de seus atos. Provém de uma forma de afastar-se da angústia produzida pela necessidade constante de decidir (PERDIGÃO P, 1995).

No contexto adollescere, a má-fé representa quando o adolescente acredita não possuir possibilidades de escolha frente às expectativas familiares, influências de pares ou exigências culturais. Um exemplo comum ocorre quando o adolescente justifica a escolha por uma carreira de prestígio, desejada pelos pais, alegando que "não teve outra opção". Ao adotar esse discurso, o adolescente abre mão de sua transcendência e se coloca como um objeto passivo diante do mundo, ocultando de si mesmo que a aceitação do desejo parental é, em última instância, uma escolha sua. Ao atribuir exclusivamente às circunstâncias a definição de sua trajetória, o adolescente busca ocultar de si mesmo sua liberdade, reduzindo o desconforto de ser o único responsável por aquilo que faz de si, diante das condições concretas de sua existência (PERDIGÃO P, 1995).

Essa tentativa de mascarar a liberdade articula-se à distinção entre as formas de ser descritas por Sartre JP (2015): o ser-em-si e o ser-para-si. O ser-em-si refere-se ao modo de ser das coisas e objetos, designando aquilo que é estático, pleno e desprovido de consciência. Já o ser-para-si define a condição humana, marcada pela consciência e pela abertura ao que ainda não é. Conforme Sass SD (2010), o para-si não coincide plenamente consigo mesmo, pois se faz a cada instante na relação com

aquilo que ainda pode vir a ser. Essa existência inacabada espelha a própria condição do adolescer: um movimento de intensas transformações no qual o sujeito experimenta diferentes identificações e modos de existir.

Ao não se perceber como algo definitivo, se vivencia a tensão de buscar referências para compreender quem é, enquanto afirma sua singularidade diante das relações e significações sociais que o cercam. Essa transitoriedade desvela-se quando o adolescente habita diversos grupos sociais ou estilos, alternando gostos, vestimentas ou ideologias em curtos intervalos. Longe de representar uma instabilidade de caráter, essas flutuações dão testemunho do para-si em exercício: o sujeito explorando possibilidades e recusando-se a ser cristalizado em uma identidade imutável.

O desdobramento desse projeto não ocorre de forma isolada, mas é atravessado pela presença do outro. Em Sartre JP (2015), o olhar alheio é o que constitui o sujeito como objeto no mundo, revelando a dimensão do ser-para-outro. Na adolescência, essa experiência configura-se como um embate permanente, o adolescente descobre que, além da imagem que possui de si, existe uma identidade atribuída externamente, sobre a qual ele não detém soberania. Ou seja: o adolescente deixa de ser exclusivamente o autor de sua história para se tornar um objeto na narrativa alheia. Isso se evidencia quando surgem rótulos como “rebelde” ou “estudioso”, independentemente de sua autopercepção, ele passa a lidar com essa “coisa” que o outro fixou em sua existência. Esse confronto frequentemente desperta a vergonha ou o desejo de conformidade, uma vez que o olhar alheio tende a petrificar a liberdade do sujeito sob a forma de um olhar inerte.

A noção de projeto de ser mantém-se, contudo, como o eixo central capaz de romper essa passividade, revelando que o homem não é um receptáculo de influências, mas um lançamento constante em direção ao futuro. Para Schneider DR et al. (2021), o projeto não corresponde a planos conscientes ou objetivos futuros; reside na organização da existência diante das possibilidades reconhecidas.

A existência adolescente, nesse sentido, não se desenvolve sem protagonismo. Ela se escolhe. Essa realidade ganha contorno quando a definição de uma carreira, exemplificando, deixa de ser uma resposta automática a pressões familiares e passa a ser um gesto de autoria. O confronto com estudos, profissão e vínculos afetivos

deixa de ser um mero rito de passagem para se tornar o exercício da unicidade diante da própria falta de ser. Em uma sociedade de referências voláteis, a busca por pertencimento deixa de ser uma adaptação para se manifestar como a necessidade de validar a própria liberdade diante do mundo (SASS SD, 2016).

Entretanto, o sujeito não projeta sua existência de forma abstrata e desvinculada do mundo. Ele encontra-se invariavelmente situado em condições concretas que delimitam e atravessam sua experiência. Sartre JP (2015) denomina esse conjunto de determinações como facticidade, a qual abrange o corpo, a herança histórica, o contexto socioeconômico e as contingências da vida como dimensões intrínsecas ao ser. No cenário adolescente, essa facticidade manifesta-se nas pressões familiares, nas desigualdades de acesso e nas características biológicas que o adolescente não escolheu, mas que constituem o ponto de partida de sua jornada. Tais circunstâncias, todavia, não anulam a liberdade, pelo contrário, é precisamente a partir daquilo que lhe é dado que o indivíduo é convocado a posicionar-se, transformando os limites da realidade em matéria-prima para o seu projeto de ser (PERDIGÃO P, 1995).

A partir desse embate, emerge a noção de transcendência, o movimento pelo qual o sujeito ultrapassa as determinações impostas e projeta-se em direção às suas possibilidades. O existir constitui-se, portanto, na tensão contínua entre a facticidade e a transcendência, entre o que é dado e o que o indivíduo realiza a partir dessas condições (SARTRE JP, 2015).

Ao lançar um olhar sobre o adolescer, descortina-se um processo existencial em que o sujeito não apenas atravessa uma etapa maturacional, mas participa ativamente da invenção de si. As dúvidas e inseguranças desse período deixam de ser vistas como meros sinais de instabilidade para serem desveladas como expressões do confronto direto com a liberdade e com a responsabilidade das escolhas (KEPLER RSR, 2025; MANIKA LGB et al., 2024).

Tal perspectiva exige reconhecer o adolescente em sua singularidade, afastando-se de visões reducionistas que o tratam como um ser "em preparação" ou incompleto. O adolescente já é um sujeito lançado ao mundo, constituindo-se no presente através de seus desejos e modos de habitar a realidade (FEIJOO AMLC, 2010).

Diante da complexidade desse "tornar-se pessoa", a atuação do psicólogo assume uma dimensão ética e fundamental ao sustentar espaços que favoreçam a expressão da autenticidade, sem recair em enquadramentos normativos ou classificatórios (FEIJOO AMLC, 2010). Em vez de operar como um agente que busca ajustar o comportamento adolescente a expectativas sociais ou estágios fixos de desenvolvimento, o profissional atua como um facilitador do desvelamento da liberdade, auxiliando-o a desnaturalizar os determinismos que tentam paralisar seu vir-a-ser. Nesse encontro, a intervenção psicológica não busca oferecer respostas prontas, mas sim resguardar a abertura constitutiva do ser (SARTRE JP, 2015). Assim, o papel do psicólogo se traduz no compromisso com a singularidade de cada existir, possibilitando que o adolescente se reconheça como autor de seu próprio caminho e assuma, de forma autêntica, a condução do seu projeto de ser (PRETTO Z, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas neste estudo, foi possível olhar a adolescência para além de uma etapa marcada apenas por transformações biológicas, sociais ou comportamentais. Sob a perspectiva fenomenológico-existencial de Jean-Paul Sartre, o adolecer revelou uma experiência singular, atravessada pela liberdade situada, pelas escolhas, pelos conflitos e pelas possibilidades de construção de si.

Ao tomar o conceito de projeto de ser como eixo central da discussão, foi possível ampliar a concepção de que o sujeito não possui uma essência previamente definida, constituindo sua existência na relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Nesse horizonte, a adolescência aparece como um momento em que o confronto com as possibilidades da vida ganha maior intensidade, exigindo do adolescente posicionamentos diante de sua realidade, de seus desejos e das responsabilidades envolvidas em cada escolha.

As discussões também permitiram refletir sobre como conceitos sartrianos, como liberdade, angústia, má-fé, facticidade e transcendência, atravessam a compreensão da experiência adolescente. Dessa forma, os conflitos presentes nesse

período deixam de ser vistos apenas como sinais de instabilidade ou imaturidade, passando a ser compreendidos como expressões do encontro do sujeito com sua própria condição existencial. Cada adolescente vivencia esse processo de maneira subjetiva, atribuindo sentidos próprios às experiências que marcam sua trajetória.

Pensar a adolescência à luz dessa ideia implica afastar concepções deterministas e universalizantes que reduzem o adolescente a alguém “em preparação” para a vida adulta. O adolescente já participa ativamente da construção de sua história, mesmo diante das ambiguidades, inseguranças e tensões que atravessam o existir humano.

Além disso, as reflexões desenvolvidas ao longo deste estudo também apontam para a necessidade de uma prática psicológica que não reduza o sofrimento adolescente a categorias fixas ou interpretações previamente estabelecidas. Em uma realidade marcada pela pressa em classificar comportamentos e pela constante tentativa de normalizar modos de existir, torna-se fundamental sustentar espaços de escuta que considerem a complexidade da experiência humana. Nesse contexto, a atuação do psicólogo ultrapassa a lógica de adaptação e correção, comprometendo-se eticamente com a liberdade, com a historicidade e com os sentidos produzidos pelo próprio sujeito diante de sua existência.

Por fim, essa pesquisa se desdobra em várias outras questões de relevância para o estudo do processo de adolecer. Abre-se espaço para ampliar discussões sobre a contemporaneidade, a medicalização da vida, os processos de ensino-aprendizagem e o aprofundamento dos relacionamentos afetivos na adolescência. Afinal, reconhecer a adolescência a partir do projeto de ser significa vislumbrar que a existência permanece em constante construção, marcada pela abertura às possibilidades e pela capacidade humana de reinventar caminhos ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

1. ARIÉS P. *História social da criança e da família*; tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986; 50-68.
2. BRASIL. 1990. In: *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8069/90, São Paulo: Atlas.

3. CASTRO, LR (org.). *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Nau, 1998; 1-177.
4. ERIKSON EH. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976; 322 p.
5. FEIJOO AMLC. *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. Rio de Janeiro: IFEN, 2010; 198 p.
6. GOULART SMS; FEIJOO AMLC. A era da técnica e modos de existência no contemporâneo. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 2021; 2: 401-409.
7. GUEDES GL, REIS TL. Uma análise fenomenológica existencial do adolescente em conflito com a lei. *Revista Mosaico*, v.12, n.1, p. 105-112, 2021.
8. KEPLER RSR. Adolescência e angústia existencial: compreendendo e cuidando da saúde mental. *RevIVA*, 2025; 4(1): 1-15.
9. MANIKA LGB, SCHNAIDER LLBC, SILVA D. Da infância à adolescência: explorando a crise existencial da transição. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2024; 10(11): 7480-7501.
10. MORAES BR, WEINMANN AO. Notas sobre a história da adolescência. *Estilos clin.*, 2020; 25(2): 280-296.
11. PERDIGÃO P. *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995; 294 p.
12. PRETTO Z. A infância como acontecimento singular na complexidade dialética da história. *Psicologia & Sociedade*, 2013; 25(3): 623-630.
13. SARTRE JP. *O existencialismo é um humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2014; 64 p.
14. SARTRE JP. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2015; 830 p.
15. SASS SD. A noção de projeto na psicanálise existencial de Sartre. *Limiar*, 2016; 2(4): 105-125.
16. SASS SD. O ser para-si: presença transcendente. *Revista de Filosofia Aurora*, 2010; 22(31): 437-454.
17. SCHNEIDER DR. A liberdade enquanto dimensão ontológica do homem: compreensão existencialista. *ComCiência*, 2013; 146: 1-3.
18. SCHNEIDER DR, et al. Projeto de ser como fundamento epistemológico para práticas em saúde coletiva. *Revista Subjetividades*, 2021; 21(Esp.1): 1-13.
19. UNICEF. *Situação mundial da infância 2011: adolescência: uma fase de oportunidades*. New York: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2011. 1-148

20. WORLD HEALTH ORGANIZATION. [s.d.] In: *Adolescent health*. Geneva: WHO. Disponível em: [World Health Organization](#). Acesso em: 21 maio 2026.